



## Resenha

---

DE QUADROS, André; AMREIN, Emilie. **Empowering song**: music education from the margins. New York [USA]/London [UK]: Routledge Taylor & Francis Group, 2023. 159 p.

### EMPOWERING SONG

José Fortunato Fernandes<sup>1</sup>

De acordo com os autores, *Empowering Song: Music Education from the Margins* (Canção Empoderadora: Educação Musical das Margens) pode ser considerada como uma pedagogia subversiva que incorpora teorias de resistência que abordam a educação musical comunitária e a música coral (p. i). Profissionais têm sido inspirados por *Empowering Song* a revisitar e reconsiderar as práticas e abordagens pedagógicas tradicionais. A pedagogia *Empowering Song* tem sido aplicada no projeto “Race, Prison, Justice Arts” (Raça, Prisão, Artes de Justiça) da Boston University em contextos de pessoas marginalizadas e privadas de justiça: prisões, abrigos de refugiados, centros de detenção e acampamentos de migrantes. *Empowering Song* apresenta uma orientação para curar as feridas da exclusão e explora as maneiras pelas quais a educação musical pode abordar questões de receptividade cultural no contexto da justiça. “*Empowering Song* está para a música assim como a *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1970/2000) está para a educação, e o *Teatro do Oprimido* (BOAL, 1974) está para o drama.” (pág. xi). Ela é apresentada não como um método, mas como uma abordagem que é sempre

---

<sup>1</sup> Músico. Doutor em Música, pela UNICAMP. Professor Associado do Department de Artes, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5883-3046> E-mail: [jfortunatof@ufmt.br](mailto:jfortunatof@ufmt.br)

recriada de acordo com a realidade, como uma intervenção crítica no setor educacional, refletindo sobre a teoria pós-colonial, a virada decolonial e as cosmologias do Sul Global.

O livro *Empowering Song* está organizado em duas partes. Antes da primeira parte, há o Prólogo de Bryonn Bain e o Prefácio dos autores. A primeira parte está dividida em três capítulos e a segunda em quatro capítulos. A primeira parte apresenta a história da abordagem *Empowering Song*. A segunda parte traz os conhecimentos encontrados no trabalho com a abordagem *Empowering Song* aplicada em diferentes contextos. Após a segunda parte, há o Posfácio 1 de Wayland Coleman, o Posfácio 2 de Truth, o Epílogo dos autores, as Referências e o Índice, totalizando 159 páginas.

O Capítulo 1, *Musicking People* (Musicalizando Pessoas), aborda as histórias dos autores para estabelecer um relacionamento com os leitores e mostrar que eles são pessoas completas, com suas próprias experiências. O capítulo apresenta três subtítulos. No primeiro subtítulo, *Empowering Song: Some Initial Thoughts* (Canção Empoderadora: Algumas Reflexões Iniciais), os autores nos falam sobre alguns conceitos que *Empowering Song* incorpora. No segundo subtítulo, *André's Story* (A História de André), e no terceiro subtítulo, *Emilie's Story* (A História de Emilie), os autores nos falam sobre si mesmos, suas histórias de vida e suas experiências.

O Capítulo 2, *Disrupting practice* (Prática Disruptiva), aborda a prática normativa e nos apresenta a abordagem *Empowering Song* como paradigma de resistência. O capítulo tem três subtítulos. O primeiro subtítulo, *Communal Musicking, Sonic Excellence e The Good* (Música Comunal, Excelência Sônica e O Bom), nos fala sobre o ato de se reunir para co-criar e se apresentar em comunidades que se reúnem para fazer música, a busca da excelência na música de conjunto convencional reconhecida pela produção de uma estética sonora específica que exclui outras vozes e o foco em ser bom em vez de soar bem, o que muda a natureza dos objetivos no conjunto convencional. O segundo subtítulo, *Conductors, Monologue, and Exclusion* (Regentes, Monólogos e Exclusão), fala sobre a autoridade do regente em conjuntos convencionais e a cultura do monólogo em vez do diálogo, o domínio do paradigma ocidental na prática do conjunto convencional em todo o mundo, que muitas vezes ignora, exclui ou diminui a prática da produção musical participativa. O terceiro subtítulo, *On Coloniality and Carcerality* (Sobre Colonialidade e Carceralidade), nos fala sobre instituições educacionais e



culturais e a manutenção da colonialidade, a simetria entre a prisão e a escola, a semelhança entre o conjunto convencional e o formato panóptico da prisão, e a natureza hierárquica do paradigma do grande conjunto.

O Capítulo 3, *Empowering Song* (Canção Empoderadora), aborda a história de *Empowering Song*. O capítulo tem três subtítulos. No primeiro subtítulo, *Behind Bars* (Atrás das Grades), André de Quadros fala sobre o início do projeto no Prison Education Program (Programa de Educação Prisional) da Boston University, a necessidade de interdisciplinaridade para ensinar música nas prisões e a importância de conhecer e usar a cultura prisional para ensinar música nas prisões. No segundo subtítulo, *Beyond Borders* (Além das Fronteiras), Emilie Amrein fala sobre as atividades do Common Ground Voices/La Frontera, um evento realizado na fronteira entre os Estados Unidos da América e o México. No terceiro subtítulo, *In the Classroom* (Na Sala de Aula), Emilie Amrein nos conta como aplicar a abordagem *Empowering Song* na sala de aula como prática regular em programas de concertos, bem como o aprendizado virtual devido à pandemia da COVID-19.

O Capítulo 4, *Sounding Bodies* (Corpos Sonoros), trata da integração mente-corpo por meio da abordagem *Empowering Song*. O capítulo tem quatro subtítulos. O primeiro subtítulo, *Healing Body, Mind, and Spirit* (Curando Corpo, Mente e Espírito), nos fala sobre a filosofia da totalidade que inclui os domínios espiritual, emocional, físico e intelectual do desenvolvimento humano, reunindo coração, mente, corpo e espírito para cura e interconexão, e como a música incorporada pode permitir o acesso a emoções e memórias profundas, curando mais do que traumas corporais. O segundo, *From Disembodiment to Body Supremacy* (Da Desencarnação à Supremacia do Corpo), nos fala sobre a violência encontrada na história da eugenia e sua semelhança com a exclusão no contexto da educação, das artes e da cultura. O terceiro, *The Body: Difference and Knowing* (O Corpo: Diferença e Conhecimento), fala-nos sobre as experiências de doença e não conformidade de gênero: o estigma e a exclusão para aqueles diagnosticados com doenças que vão desde doenças mentais até epilepsia e HIV/AIDS, além de pessoas gays, lésbicas, transgêneros e intersexuais. O quarto subtítulo, *Embodying Race, Ethnicity, and Indigeneity* (Incorporando Raça, Etnia e Indigenismo), nos fala sobre o poder institucional enraizado que privilegia a prática musical ocidental como centro e coloca a



música do resto do mundo como periférica e a história do papel da música em projetos ligados a raça, etnia e indigenismo.

O Capítulo 5, *Narrating Selves* (Narrando o Eu), aborda o eu de várias maneiras. O capítulo apresenta quatro subtítulos. O primeiro subtítulo, *Music-Making as Self-Creating* (Fazer Música como Autocriação), nos fala sobre como a abordagem *Empowering Song* é uma pedagogia que visa equalizar o consenso e a individualidade em um contexto de grupo e busca criar oportunidades para que uma voz individual instrumental ou cantada seja conectada e valorizada por meio do ato criativo como um processo no qual as pessoas declaram suas individualidades, identidades e presença. O segundo, *The Social Self and Subjectivity* (O Eu Social e a Subjetividade), fala sobre a voz como um *locus* fundamental de identidade e identificação, a partir dos "[...] procedimentos, processos, técnicas e estruturas de subjetividade ou do processo de sujeição" (p. 77). O terceiro, *Consciousness-Raising as a Springboard for Social Transformation* (Conscientização como Trampolim para a Transformação Social), nos fala sobre o uso do termo *conscientização* por Paulo Freire, que significa não apenas consciência ou conhecimento, mas uma compreensão crítica da realidade material e política, impulsionando a ação direta para a transformação social, sendo aplicado à educação musical por meio da valorização das experiências dos alunos como parte essencial da cultura da sala de aula, incluindo a criatividade dos alunos nos ensaios e nas apresentações. O quarto subtítulo, *Circle, Self, and Song* (Círculo, Eu e Canção), nos diz como a produção musical pode ser um meio pelo qual a identidade pode ser manifestada, os sentimentos podem ser encontrados e até mesmo a existência de uma pessoa pode ser reconhecida, tornada visível, por meio do fenômeno do canto comunitário, uma espécie de canto em círculo, como uma intervenção político-pedagógica que está enraizada na tradição aural/oral da canção social.

O Capítulo 6, *Dancing Stories* (Histórias Dançantes), aborda as histórias que as pessoas podem contar sobre si mesmas, criando significado a partir de suas experiências neste mundo. Os autores nos dizem que, por meio do diálogo, as pessoas podem ouvir umas às outras, ouvindo de forma não extrativista, criando narrativas por meio da criação de músicas com poder. O capítulo tem quatro subtítulos. O primeiro subtítulo, *Loving and Living by Stories* (Amar e Viver por Meio de Histórias), nos fala sobre a narração de histórias como uma forma de posicionar o passado para ter resultados no futuro, com o imaginário, o utópico, sendo essencial



para a pedagogia e colocando o imaginário como narrativa e expressão de vulnerabilidade. O segundo, *Dialogue for Compassion in Musicking* (Diálogo para a Compaixão na Musicalização), nos diz que o convívio pode ser favorável para criar as condições ideais para o diálogo que pode acontecer durante a própria produção musical, trazendo esperança e cura. O terceiro, *Reflecting on Dialogue in Practice* (Refletindo sobre o Diálogo na Prática), nos diz como a música e os programas de construção da paz podem facilitar o diálogo entre diversos povos com práticas restaurativas e construção de relacionamentos no processo de ensaio e apresentação. O quarto subtítulo, *Listening (But Not in the Way You Think)* (Ouvir (Mas Não da Maneira que Você Pensa)), nos fala sobre como a escuta expansiva de *Empowering Song* se baseia em tradições de escuta empática, generativa e indígena, reconhecendo a complexidade da comunicação multidimensional e colocando a produção musical na sala de aula ou no conjunto como um lugar social onde as pessoas podem expor sua humanidade comum, respondendo a danos coletivos e vislumbrando a esperança.

O Capítulo 7, *Painting Dreams* (Pintando Sonhos), aborda sonhos e imaginação para uma nova pedagogia que rompe fronteiras e explora um novo mundo. O capítulo tem cinco subtítulos. O primeiro subtítulo, *Anger and Yearning* (Raiva e Anseio), nos fala sobre o discurso sobre questões de justiça e raça, mudança climática, desigualdade de renda, discriminação LGBTQ+, deficiência e império. O segundo, *For Integration to Instigation for Empowered Practice* (Da Integração à Instigação para a Prática Empoderada), fala sobre a visão que a abordagem *Empowering Song* tem sobre a integração entre a música e as outras artes, considerando a música profundamente conectada a múltiplas formas de criação metafórica, como um conjunto unificado de processos e não como simples objetos de produção criativa. O terceiro, *Visions of Nowhere and Everywhere* (Visões de Lugar Nenhum e de Todos os Lugares), fala sobre a utopia como uma visão de mundo de *Empowering Song* e a arte como uma expressão humana ilimitada que pode oferecer um caminho que permite às pessoas nomear a realidade e imaginar o "lugar nenhum" da utopia, colocando-os em ação, sendo um meio ideal de incentivar o pensamento utópico. O quarto, *Transformational Resistance and Organizing for Change* (Resistência Transformacional e Organização para Mudança), fala sobre como a abordagem *Empowering Song* funciona com os cinco temas orientadores para a resistência transformacional da Teoria Crítica da Raça (CRT) e da CRT Latino/a desenvolvida por



Solorzano e Delgado Bernal (2001). O quinto subtítulo, *Musicking for a Changed World – It's All About Movement* (Musicalização para um Mundo Transformado – Tudo em Torno de Movimento), nos fala sobre como *Empowering Song* pode ser o lugar onde a imaginação pode ser liberada e onde, por meio da criação artística, a perspectiva pode ocorrer, conduzindo workshops que permitem que os participantes contem suas histórias por meio da poesia, do corpo, da máscara, da música e muito mais, cuidando do trabalho que precisa ser feito.

A principal ideia defendida pelos autores é que a arte é para todos, inclusive para os marginalizados, e que seu poder pode resgatar valores que foram perdidos. Essa ideia é defendida por diversos autores ao redor do mundo: por L. Tett, K. Anderson, F. Macneill, K. Overy e R. Sparks, na Escócia<sup>2</sup>; por M. S. Barrett, na Austrália<sup>3</sup>; por M. L. Cohen, também nos Estados Unidos da América<sup>4</sup>; por J. Henley, na Inglaterra<sup>5</sup>; por G. Mota e J. T. Lopes, em Portugal<sup>6</sup>; por P. Mullen e K. Deane, na Irlanda<sup>7</sup>; por J. J. Pastor Comín e C. Rodríguez Yagüe, na Espanha<sup>8</sup>; por J. F. Fernandes, no Brasil<sup>9</sup>, e muitos outros autores em outros lugares.

As ideias são desenvolvidas no livro, sempre apresentando teoria e exemplos práticos. A ideia de que teoria e prática estão sempre juntas é defendida por Freire, que diz que

[...] a teoria é indispensável à transformação do mundo. Na verdade, não há prática que não tenha nela embutida uma certa teoria. E quanto melhor eu saiba a razão de ser, não apenas do processo em que me acho engajado para mudar a sociedade, mas também saiba melhor a razão de ser das possíveis

---

<sup>2</sup> TETT, L.; ANDERSON, K.; MACNEILL, F.; OVERY, K.; SPARKS, R. Learning, rehabilitation and the arts in prisons: a Scottish case study. **Studies in the Education of Adults**, v. 44, n. 2, p. 171-185, 2012.

<sup>3</sup> BARRETT, M. S. Developing learning identities in and through music: a case study of the outcomes of a music programme in an Australian juvenile detention centre. **International Journal of Music Education**, v. 30, n. 3, p. 244-259, 2012...

<sup>4</sup> COHEN, M. L. Choral Singing in prisons: evidence-based activities to support returning citizens. **Prison Journal: An International Forum on Incarceration and Alternative Sanctions**, v. 99, no. Supplement 4 Issue, p. 106S-117S, September 2019. HeinOnline.

<sup>5</sup> HENLEY, J. Musical learning and desistance from crime: the case of a 'Good Vibrations' Javanese gamelan project with young offenders. **Music Education Research**, v. 17, n. 1, p. 103-120, 2015.

<sup>6</sup> MOTA, G.; LOPES, J. T. (Eds.). **Growing while playing in Orquestra Geração: contributions towards understanding the relationship between music and social inclusion**. Porto: Edições Politema, 2017.

<sup>7</sup> MULLEN, P.; DEANE, K. Strategic working with children and young people in challenging circumstances. In: BARTLETT, B. L.; HIGGINS, L. (Eds.). **The Oxford Handbook of Community Music**. New York: Oxford University Press, 2018. p. 177-194.

<sup>8</sup> PASTOR COMÍN, J. J.; RODRÍGUEZ YAGÜE, C. Educación en prisión y reinserción social: la intervención musical desde um paradigma cognitivo-conductual. **Educatio Siglo XXI**, v. 31, n 2, p. 347-366, 2013.

<sup>9</sup> FERNANDES, J. F. **Educação musical de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa através do canto coral**. Cuiabá: EdUFMT, 2016.



reações com que me defrontarei na prática transformadora, tanto mais eficazmente posso trabalhar (FREIRE, 1999, p. 135).

A linguagem utilizada é fácil, clara e bem explicada. Embora o livro aborde alguns aspectos de diferentes áreas, como educação musical, psicologia, filosofia e sociologia, essas áreas não são abordadas com tanta profundidade a ponto de impedir a compreensão. A ideia de interdisciplinaridade é defendida por Betancourt del Castillo (2021, p. 532, tradução nossa), que a considera importante para atingir as pessoas de forma integral: "Por meio dessas pontes interdisciplinares, foi possível estabelecer laços culturais que ultrapassaram o meramente corporal ou físico, mas também o literário e o filosófico, alimentando um diálogo intercultural [...]"<sup>10</sup>.

Os temas do livro estão bem organizados e apresenta algumas fotos para exemplificá-los, tornando a leitura mais agradável. Por meio desse livro, podemos ter uma visão panorâmica da complexidade em utilizar a música, e as artes em geral, como meio de resgatar valores que foram perdidos por pessoas marginalizadas, tornando-as aceitas e reinseridas na sociedade. Henley, Mota e Cohen apoiam a ideia de que os programas de música podem resultar em "contribuições positivas para a sociedade" e afirmam que:

[...] há uma necessidade de reunir a crescente base de evidências do impacto que os programas de música têm tanto no desenvolvimento musical quanto na mudança da identidade pessoal, assim como para demonstrar como eles podem apoiar os passos para o emprego e, por fim, habilitar pessoas para fazer contribuições positivas para a sociedade<sup>11</sup> (HENLEY; MOTA; COHEN, 2013, p. 125, tradução nossa).

Especificamente, o público-alvo deste livro são os educadores musicais que desejam trabalhar com pessoas marginalizadas, mas, em geral, os arte-educadores podem fazer bom uso dele. As conclusões dos autores encontradas no livro são baseadas em suas próprias experiências.

---

<sup>10</sup> Gracias a estos puentes interdisciplinarios se pudieron establecer lazos culturales que rebasaron lo meramente corporal o físico, sino también desde lo literario y filosófico, nutriendo un diálogo intercultural [...].

<sup>11</sup> [...] there is a need to bring together the growing evidence base of the impact that music programs have on both musical development and personal identity change so as to demonstrate how they can support pathways into employment and ultimately enable people to make positive contributions to society.



André de Quadros cresceu em Bombaim, na Índia, e foi educado em uma escola baseada em um currículo britânico dirigido por jesuítas espanhóis. Lá, ele conviveu com a educação britânica/ocidental e o colonialismo português. Depois disso, ele estudou por um ano no Christian Brother's College em Melbourne, Austrália, onde vivenciou o racismo.

André foi apresentado à autoridade e à tomada de decisão centralizada quanto aos modos de reger conjuntos, mas conheceu a pedagogia Orff-Schulwerk e suas possibilidades de ensino de música em Salzburg, na Hungria, e experimentou o ensino de música aplicando os conhecimentos sobre Orff-Schulwerk baseado na transmissão auditiva/oral de materiais culturais. Depois disso, ele se dedicou à composição, musicologia, trabalho criativo, movimento e dança em Melbourne.

André desenvolveu sua radical visão de mundo sociopolítico influenciado pela *Pedagogia do Oprimido*, do escritor brasileiro Paulo Freire, e confrontando três contextos diferentes: a aula de música criativa, os formalismos do coro e da orquestra e as dimensões democráticas da produção de música participativa e comunitária.

Os primeiros encontros de música comunitária ocorreram na Austrália. Ele participou da fundação da organização Parents for Music: A Family Music Association (Pais pela Música: Uma Associação de Música Familiar). As práticas de música comunitária aconteciam sem base em nenhuma teoria, sem muita orientação, antes da internet, sem materiais e guias.

Ele se sentiu atraído pela música comunitária e pelo ensino criativo, mesmo no ambiente acadêmico tradicional.

Em 2008, enquanto trabalhava em um projeto de saúde no Peru, André descobriu o *Teatro do Oprimido*, do teatrólogo brasileiro Augusto Boal. Ele então começou a colaborar em comunidades musicais no mundo árabe e em Israel e a trabalhar nas prisões de Boston.

André de Quadros é atualmente professor de música no Departamento de Educação Musical da Boston University, onde tem afiliações em estudos africanos, afro-americanos, americanos e da Nova Inglaterra, asiáticos, judeus e muçulmanos, no Center Antiracist Research (Centro de Pesquisa Antirracista), e educação prisional. Entre os livros que André escreveu antes de *Empowering Song*, podemos encontrar *Poking the WASP Nest: Young People Challenge and Educate Race through Applied Theatre* (Cutucando o Ninho WASP: Jovens Desafiam e Educam a Raça por Meio do Teatro Aplicado) (2021) em parceria com D. Kelman,



J. White, C. Sonn e A. Baker, e *My Body Was Left on the Street – Music Education and Displacement* (Meu Corpo Foi Deixado na Rua – Educação Musical e Deslocamento) (2020) em parceria com K. T. Vu.

Emilie Amrein cantou em um coro luterano e em serviços religiosos, concertos e competições. Assim, ela conseguiu uma bolsa integral da igreja para sustentar sua carreira. Ela pôde trabalhar com crianças vivendo na pobreza e em um abrigo para pessoas que sofreram violência doméstica. Veio então o confronto entre o coro da faculdade e o coro do trabalho: brancura, classe, circunstâncias, feridas. Naquele momento, a estrutura hierárquica de liderança do coral foi questionada.

Emilie tinha uma leitura musical à primeira-vista rápida e precisa e era dedicada à forma de arte coral. Ela lutou para conseguir um lugar nos corais de sua escola voltados para a ópera, mas foi excluída dos conjuntos principais. Era repreendida quando tinha ideias diferentes. Emilie experimentou diferentes modelos de liderança e estilos de colaboração, escreveu sobre uma visão para a educação musical, frequentou uma igreja negra e participou de arte sônica coletivista e instalações teatrais. Ela tem dois filhos, um com e outro sem deficiência. À medida que os dois filhos se aproximavam da adolescência, ela aprendeu mais sobre a justiça em relação à deficiência e o modelo social da deficiência. Emilie se envolveu em movimentos de justiça social, com canto comunitário, colaborou com organizadores culturais, ativistas e construtores da paz e observou corais na Jordânia e na Palestina trabalhando pela paz e reconciliação.

Sua experiência pode ser vista por meio da observação no Common Ground Voices (Jerusalem) (Vozes de Base Comum), da colaboração no Common Ground Voices/La Frontera (Vozes de Base Comum/A Fronteira), do trabalho de base para um programa de artes em prisões na Universidade de San Diego, do trabalho com o California Department of Corrections and Rehabilitation (Departamento de Correções e Reabilitação da Califórnia) e com o California Lawyers for the Arts (Advogados pela Arte), da participação com 20 homens encarcerados e outros participantes externos no Alternatives to Violence Project (Projeto Alternativas à Violência) na Calipatria State Prison (Prisão Estadual de Calipatria), no Condado Imperial, Califórnia. Emilie Amrein é atualmente professora associada de música e Diretora de Estudos Corais na Universidade de San Diego, onde dirige o USD Choral Scholars e ministra cursos



sobre a interseção de música e movimentos de justiça social, música comunitária e transformação.

Apesar das diferenças, entre elas as de geração e cultura, André e Emilie encontraram uma causa comum e decidiram colaborar um com o outro para escrever o livro *Empowering Song*.

## References

BETANCOURT DEL CASTILLO, Jesús Héctor. **El Dragón de Jade**: Poética y convivialidad en Cuernavaca. Doctorate dissertation. Tecnológico de Monterrey. Ciudad del México, 2021.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. Prefácio de Moacir Gadotti e Carlos Alberto Torres; notas de Vicente Chel. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

HENLEY, J.; MOTA, G.; COHEN, M. L. Musical development and positive identity change within criminal justice settings. *In*: BEYENS, G.; RAMOS, M.; ZIPANE, E.; OPHUYSEN, T. (Eds.). **Rethinking education**: empowering individuals with the appropriate educational tools, skills and competencies, for their active cultural, political and economic participation in society in Europe and beyond. Brussels: ACP, 2013. p. 120-149.

Recebido: 24.05.20232

Aceito: 01.06.2023

Publicado: 06.06.2023



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



v. 11, n. 19, p. 250-259, jan./jun. 2023. DOI: 10.22481/recuesb.v11i19.12679